

MEMÓRIA E DESLIZE DE SENTIDOS: O “MENSALÃO DO PT” NO “MENSALÃO DO DEM”¹

MEMORY AND MOVEMENT OF MEANING: THE “MENSALÃO DO PT” INSIDE THE “MENSALÃO DO DEM”

Douglas Zampar²

Maria Célia Cortez Passetti³

Resumo: O “mensalão do DEM” foi um escândalo de corrupção ocorrido em Brasília, no ano de 2009, envolvendo o Democratas (DEM), partido do então governador do Distrito Federal José Roberto Arruda. A designação mensalão do DEM é construída a partir da memória de outro escândalo de corrupção amplamente divulgado pela mídia em 2005: o “mensalão” ou “mensalão do PT”. Problematizamos, em nossa pesquisa, a forma como a memória discursiva participa da produção de efeitos de sentidos na cobertura de um acontecimento político, estudando, especificamente, a cobertura do mensalão do DEM pela Folha de S. Paulo. Filiando nossos estudos à Análise de Discurso francesa, consideramos que a produção de sentidos se torna possível nos enunciados pelo próprio processo metafórico de deslize dos sentidos. Temos como objetivo, neste trabalho, mostrar como, em alguns enunciados que constituem os textos de nosso corpus, uma filiação interdiscursiva a uma determinada memória direciona o deslize, produzindo sentidos relacionando o “mensalão do DEM” ao “mensalão do PT”, significando o primeiro e, ao mesmo tempo, ressignificando o segundo.

Palavras-chave: Mensalão do DEM; Memória Discursiva; Deslize de Sentidos.

Abstract: The “mensalão do DEM” was a corruption scandal that happened in Brasília, in 2009, with Democratas (DEM), the political party of the current governor of Distrito Federal, José Roberto Arruda. “Mensalão” comes from the word “mensal” that means monthly and refer to illegal monthly payments to politicians. The designation “mensalão do DEM” is built on the memory of another corruption scandal widely noticed by the media in 2005: the “mensalão do PT”. We discuss, in our research, the ways of participation of discursive memory in the meaning production in the media coverage of a political event, studying, specifically, the coverage of “mensalão do DEM” by the newspaper Folha de S. Paulo. Within French Discourse Analyses, we consider that meaning productions is possible because the statement works through the metaphorical process of meaning movement. We aim to show how, in some statements that are part of our corpus, an interdiscursive filiation to a certain memory gives directions to the movement, producing meanings that relate the “mensalão do DEM” with the “mensalão do PT”, signifying the first one at the same time as the second one is resignified.

Key words: Mensalão do DEM, Discursive Memory, Meaning Movement.

¹ Uma versão prévia deste trabalho foi publicada nos Anais do XX Seminário do Centro de Estudos Linguísticos e Literários do Paraná (CELLIP) realizado em Londrina, de 25 a 27 de outubro de 2011.

² Mestrando em Letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Maringá, Brasil, e-mail: douglaszampar@gmail.com

³ Docente do Departamento de Letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Doutora em Letras pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Campus de Assis. Maringá, Brasil, e-mail: passetti@wnet.com.br

1 Introdução

O termo “mensalão do DEM” surge na mídia nacional no final de novembro de 2009 para designar um escândalo de corrupção envolvendo o então governador do Distrito Federal (DF) José Roberto Arruda (eleito pelo Democratas, DEM, desfilou-se do partido para evitar expulsão iminente). A operação que revelou o esquema foi iniciada pelas denúncias de Durval Barbosa, que atuou como secretário das relações institucionais durante o governo de José Arruda, e fez as denúncias num sistema de delação premiada, no qual informações importantes são trocadas por redução de pena em caso de condenação nos processos aos quais o delator responde, sendo mais de 30 no caso de Barbosa. As investigações correram em sigilo até que o vazamento de informações adiantou para o dia 27 de novembro de 2009 a realização de 16 mandatos de busca e apreensão em casas e gabinetes de secretários do governo e em um anexo da residência oficial do governador.

Alguns vídeos gravados de forma ilegal e outros com mandado e sob supervisão da Polícia Federal (PF) sustentam as denúncias de Durval Barbosa. As imagens foram disponibilizadas para a mídia pela PF e passaram a circular, sendo exibidas em telejornais e em diversos sites. Essa produção midiática chamou a atenção dos pesquisadores por retomar e ressignificar a memória de outro escândalo: o “mensalão do PT”, descoberto em 2005. A partir das inquietações surgidas, propusemos um projeto de pesquisa, do qual este estudo faz parte, que tem como objetivo compreender, a partir da construção de um dispositivo teórico analítico sustentado na Análise de Discurso (AD), como a memória de outros escândalos participa da produção de sentidos do “mensalão do DEM”. Para nosso *corpus* elegemos o jornal *Folha de S. Paulo*, por sua expressividade no cenário nacional, e recortamos trinta dias da publicação, de 28 de novembro, primeiro dia em que o escândalo é mencionado, a 28 de dezembro de 2009.

Filiando nossos estudos à Análise de Discurso francesa, consideramos que os enunciados que formam um texto são constituídos por diversos pontos de deriva a partir dos quais outros sentidos se tornam possíveis pelo próprio processo metafórico de deslize dos sentidos. Temos como objetivo, neste trabalho, mostrar como, em alguns dos pontos de deriva que constituem os textos de nosso corpus, uma filiação interdiscursiva a uma determinada memória direciona o deslize, saturando os pontos de deriva com sentidos relacionando o “mensalão do DEM” ao “mensalão do PT”, produzindo sentidos para o primeiro e, ao mesmo tempo, ressignificando o segundo.

2 Memória discursiva: conceituação

O trabalho com a AD propõe questionar as formas pelas quais a língua significa. É preciso buscar no texto a sua discursividade, ou seja, sua inscrição histórica, suas filiações ao interdiscurso. Para que o sentido seja possível é preciso que exista uma memória discursiva, uma memória construída por dizeres e silêncios outros que são ativados no e pelo dizer. Pêcheux (2007 p. 52) define a memória discursiva nos seguintes termos:

a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua própria leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.

Para a AD, portanto, os sentidos do texto não estão presos aos enunciados, eles se constituem por meio das filiações ao interdiscurso, de modo que outros dizeres são ideologicamente presentificados. Os pré-construídos, os discursos transversos, os elementos citados e relatados, são elementos que constituem o interdiscurso e que retornam ao enunciado, conferindo-lhe significados, processo que Pêcheux (1988) explicita ao defender a dependência da Formação Discursiva em relação ao interdiscurso.

O texto, conforme afirma Orlandi (2001), significa pelo seu entorno, por tudo aquilo que, embora não se faça visível na superfície textual, é necessário para que o texto signifique e seja passível de interpretação. O funcionamento da memória discursiva é, portanto, fundamental no discurso. Cabe ao analista, a partir de seu dispositivo teórico analítico, buscar restabelecer as referências presentes em um texto, reconstruir os deslizos de sentidos que ressoam nos enunciados, fazer vir à tona as memórias que operam em um texto. Conforme atesta Orlandi (2008), diante da evidência de uma interpretação que se apresenta como única, devemos procurar pela forma como os sentidos foram produzidos. Ao mostrar como os sentidos e os sujeitos se produzem a partir do estabelecimento de uma complexa rede de filiações a ditos e não ditos outros, filiações essas que atestam o caráter material do sentido e do discurso ao estabelecerem as conexões entre o dizível e a história, mostra-se o processo de constituição do sujeito e dos sentidos. O trabalho com a memória exige do analista, portanto, um movimento que visa atravessar a superfície textual, desfazer as evidências, e lançar luz às redes de significações que permitem a interpretação.

3 Memória, história e redes de sentidos

Pêcheux (2008) estabelece como espaço de atuação da AD o lugar no qual os enunciados são vistos como tendo pontos de deriva: “Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise de discurso.” (PÊCHEUX, 2008, p. 53). Diante de um objeto simbólico, o sujeito é levado a interpretar, e para tanto, mobilizará redes de sentidos nas quais, através de processos de “manipulação de significações estabilizadas” e de “transformações de sentido” (PÊCHEUX, 2008, p. 51), os sentidos são ideologicamente e inconscientemente produzidos. Pela relação de um enunciado com outros passados, já integrantes do interdiscurso, e pela abertura desse enunciado a outros futuros é que se atribuem os sentidos. Assim, ao realizar um gesto de leitura sobre os textos buscando o funcionamento da memória discursiva nos depararemos com uma teia heterogênea de mecanismos, e buscaremos a compreensão dessa teia materializada nos textos. Cabe ao analista do discurso buscar esses “pontos de deriva”, perceber no enunciado onde e como a ideologia pode incidir e explicitar diferentes possibilidades de interpretação a partir de diferentes forças ideológicas que podem ser colocadas em prática a partir de determinado enunciado.

Nas palavras de Mariani (1998, p. 34):

A AD trabalha analisando os espaços organizados entre um dizer já-dito, com sentidos já legitimados antes e em algum lugar, e a possibilidade da abertura desse dizer para rupturas, provocando o surgimento de outros sentidos. A AD considera, no movimento dos sentidos, a relação de forças entre o “um” e o “múltiplo”, entre o mesmo e o diferente, e o fato de que também na repetição pode haver diferença.

É também da ordem da memória instituir determinadas interpretações em detrimento de outras. Assim, conforme destaca Mariani (1998), as relações de forças sociais podem fazer com que um sentido permaneça como interpretação para determinado acontecimento, enquanto outros sentidos possíveis serão levados ao esquecimento. Esses sentidos esquecidos podem, entretanto, retornar, fazendo as redes de sentido se modificar e permitindo que diferentes interpretações sejam lançadas a um mesmo acontecimento. Assim, “para não entrar no efeito de evidência e completude produzidos pela memória [...], não podemos descartar a possibilidade de que é possível ler diferentemente história e sentido” (MARIANI, 1998, p. 37).

4 A memória direcionando o deslize

Consideramos, conforme já explicitado, que os enunciados são formados por diversos pontos de deriva a partir dos quais os sentidos se constituem. Mostraremos em alguns recortes de nosso *corpus* como a memória atua nesses pontos de deriva, direcionando o deslize, saturando os sentidos e fazendo o mensalão do PT presente na cobertura do mensalão do DEM. Vejamos a primeira sequência:

(1) *De Arruda, há quatro meses, em entrevista, sobre qual seria o seu limite para o fisiologismo na máquina pública: “É o limite ético. É não dar mesada, não permitir corrupção endêmica, institucionalizada. Sei que existe corrupção no meu governo, mas sempre que eu descubro há punição”*.⁴

Primeiramente, precisamos nos debruçar sobre a fala de Arruda em seu contexto inicial de produção, quatro meses antes da descoberta do envolvimento do ex-governador no esquema de corrupção, momento no qual Arruda era o único governador do DEM e um forte candidato à vaga de vice-presidente na chapa liderada pelo PSDB. Nesse contexto, os aliados de Arruda ainda mantinham a crítica ao mensalão do PT como um forte argumento a ser utilizado na campanha eleitoral. Dessa forma, ao responder a pergunta *qual é o limite para o fisiologismo da máquina pública*, a resposta de Arruda se constitui de pontos de deriva a partir dos quais os sentidos apontam para o mensalão do PT. Especialmente em “*não dar mesada*”, percebemos que a fala de Arruda, por meio do não dito, faz funcionar a memória do mensalão do PT, uma vez que no imaginário desse mensalão, e no próprio nome do escândalo, circulam o pagamento de mesadas à base aliada.

Dessa forma, tomando o contexto inicial de produção do enunciado, quatro meses antes da descoberta do mensalão do DEM, é possível perceber o funcionamento de determinados não ditos. Se o limite para o fisiologismo na máquina pública *é o limite ético e é não dar mesada*, o PT, que pagou mesadas à base aliada, cruzou o limite ético, ou seja, podemos recuperar o funcionamento de um não dito que afirma que o PT não tem ética. Nessa mesma direção analítica, quando Arruda continua a caracterização do limite para o fisiologismo da máquina pública como *não permitir corrupção endêmica, institucionaliza*, podemos recuperar pelo não dito a afirmação de que o PT permite a corrupção endêmica, institucionalizada.

⁴ PRETE, Renata Lo. Painei. *Folha de São Paulo*, 30 nov. de 2009. Brasil, p. A4.

Quando a folha retoma este enunciado no contexto da cobertura do mensalão do DEM, os não ditos direcionados ao PT retornam, mas, dessa vez, se aplicam também ao DEM e a Arruda pela identidade criada entre os dois escândalos. Assim, se o limite ético é não dar mesada e o PT não tem ética por dar mesada, também o DEM e Arruda não tem ética por terem realizado pagamentos mensais de propinas. E ainda, se o PT permitiu a corrupção endêmica, institucionalizada, o DEM e Arruda também permitiram. Dessa forma, se no contexto original de produção o enunciado faz falar, pelo não dito, que o limite para o fisiologismo na máquina pública é o modelo de política praticado pelo PT, a retomada desse enunciado pela folha produz para Arruda e seu partido de um lado o efeito de sentido da hipocrisia, pois eles criticavam uma prática da qual eram adeptos e, de outro, reforçam as semelhanças entre os dois escândalos, pois fazem com que os não ditos produzidos a partir da memória do mensalão do PT se apliquem também ao mensalão do DEM.

Podemos perceber em (2) o deslize funcionado de forma semelhante ao explicitado nas análises de (1).

(2) Alguém foi ao fundo do baú e resgatou propaganda estrelada por Arruda em 2001, pré-violação do painel do Senado. À frente de uma Brasília (o carro), o então tucano diz: 'Eu amo Brasília. É por isso que temos que conservá-la limpinha, arrumadinha, longe da sujeira...'⁵

A sequência (2) retoma também a memória de outro escândalo, o da violação de painel do senado, ocorrido em 2001, envolvendo José Roberto Arruda, então senador pelo PSDB. A cassação do ex-senador Luís Estevão fora votada no senado por meio do voto sigiloso e Arruda foi acusado de conseguir a lista da votação contendo o nome de todos os senadores e seus respectivos votos. Em abril de 2001, Arruda desfilou-se do PSDB e, em maio, renunciou ao cargo, assumindo que de fato havia recebido a lista. Ao trazer a fala de Arruda “*É por isso que temos que conservá-la limpinha, arrumadinha, longe da sujeira...*” no contexto do mensalão do DEM, um escândalo que, retomando a metáfora estabelecida no enunciado, suja Brasília, o jornal cristaliza o efeito de sentido da hipocrisia produzido no mesmo formato analisado anteriormente, a saber, Arruda critica as práticas de corrupção que sujam e bagunçam Brasília, entretanto, ele também é adepto dessas práticas, como provam os escândalos da violação do painel e do mensalão do DEM.

A retomada da fala de Arruda produz sentidos que descrevem seu governo a partir da relação que estabelece com o governo do PT, relação esta representada no mensalão praticado

⁵ PRETE, Renata Lo. Painel. *Folha de São Paulo*, 10 dez. de 2009. Brasil, p. A4.

por ambos. O enunciado abaixo corrobora os sentidos explicitados anteriormente ao colocar em destaque o termo *hipócrita*, retirado de uma fala de Dilma Rousseff, então ministra da Fazenda:

(3) *Antes, no final da tarde, o Diretório Nacional do PT divulgou nota acusando o DEM de 'hipócrita' por conta do escândalo da propina em Brasília.*⁶

O termo hipócrita funciona aqui também como um ponto de deslize de sentidos. Primeiramente podemos interpretá-lo a partir da incidência da memória discursiva do mensalão do PT, que fora duramente criticado pelo DEM que praticava o mesmo modelo de corrupção, conforme já mostramos na análise do enunciado (1). Além disso, em nosso movimento analítico podemos colocar lado a lado ambos os escândalos e os partidos, de forma que é possível compreender a produção de um efeito de sentido de hipocrisia para a política em geral a partir de uma generalização dos imaginários dos partidos, uma vez que ambos, PT e DEM, criticam o outro por praticar uma modalidade de corrupção, o mensalão, que eles também praticam.

Enfatizamos, ainda, que o efeito de sentido da hipocrisia não é produzido pela cobertura da *Folha de S. Paulo* apenas em torno do mensalão do DEM, mas também em torno do mensalão do PT, como podemos observar em (4) e (5).

(4) *Com alguns de seus principais líderes como réus na ação do mensalão no STF (Supremo Tribunal Federal), o PT ingressou ontem com pedido de impeachment contra o governador do Distrito Federal, José Roberto Arruda, e seu vice, Paulo Octávio, por conta do chamado mensalão do DEM.*⁷

(5) *Dilma se diz indignada com corrupção do DEM, enquanto o PT tenta reescrever a história de seu próprio mensalão.*⁸

Podemos perceber na materialidade significante a apresentação da crítica dirigida do PT ao DEM, significada em (4) pelo pedido de impeachment e em (5) pelo uso do adjetivo “*indignada*” sendo sempre apresentada ao lado da menção a uma característica do PT, a ação no STF em (4) e a sequencia “*enquanto o PT tenta reescrever a história de seu próprio mensalão*” em (5), construindo assim o efeito de sentido da hipocrisia, ou seja, destacando que ao falar do DEM, o PT está criticando uma prática instituída pelo próprio partido.

⁶ ZANINI, Fábio. Dilma ataca DEM, mas absolve PT. *Folha de São Paulo*, 09 dez. de 2009. Brasil, p. A4.

⁷ NINIO, Marcelo e CEOLIN, Adriano. *Folha de São Paulo*, 03 dez. de 2009. Brasil, p. A4.

⁸ COISAS de estarrecer. *Folha de São Paulo*, 10 dez. de 2009. Brasil, p. A2.

5 Deslize e (re)filiação dos sentidos

A produção de sentidos é acompanhada de movimentações nas redes de sentidos que constituem o interdiscurso, de forma tal que os sentidos cristalizados de um lado para o mensalão do DEM e de outro para o mensalão do PT só estão de um lado e de outro no plano das evidências. Ao atravessarmos esse plano, percebemos que o funcionamento discursivo da cobertura da *Folha de S. Paulo* atua na reconfiguração das redes de sentidos de forma que em diversos momentos, características levantadas para um dos mensalões signifiquem também para o outro. Retornando à sequência (1), podemos perceber que no jogo entre a *Folha* e a fala de Arruda, permanece para o mensalão do PT o seguinte sentido: *caso de corrupção que ultrapassa os limites do fisiologismo da máquina pública*. É importante destacar que a construção deixa essa caracterização no nível do não dito, de forma que para compreensão do enunciado o leitor precise conhecer o mensalão do PT. Ao interpretar esse enunciado, se o sujeito compreende a crítica dirigida ao PT, funciona um processo que significa o partido como corrupto, ou melhor, cristaliza para o imaginário do PT o sentido possível da corrupção. A partir dessa produção de sentido percebemos que o jornal produz para o PT o efeito de sentido da hipocrisia não apenas quando fala do PT, mas também quando fala do DEM, uma vez que da mesma forma que Arruda criticava uma prática da qual ele também era adepto, o PT está criticando o DEM por uma prática instaurada pelo PT. O processo de significação simultânea dos dois mensalões também toma a forma de uma regularidade em nosso *corpus*, mantendo sempre essa mesma estrutura de paralelismo, ou seja, apresentando uma característica do mensalão do DEM e, por meio do dito ou do não dito, produzindo sentidos que fazem essa mesma característica se aplicar ao (mensalão do) PT. Vejamos esse mesmo processo de significação em outra sequência que trazem a tona não o efeito de sentido da hipocrisia, mas o da impunidade:

(6) *A corrupção política padronizada em mensalões de ideologias diversas unificou também a forma como todos os acusados reagem.*

[...] *Primeiro, vem o pressuposto acaciano – todos têm direito a ampla defesa. Segundo, usa-se a estratégia infalível de deixar o tempo mitigar os efeitos negativos iniciais do escândalo.*

O caso paradigmático é o do mensalão do DEM, em Brasília. Nunca houve tantos indícios de corrupção registrados em áudio, vídeo e documentos oficiais. Ainda assim, o

*Democratas decidiu conceder um prazo para o governador do Distrito Federal, José Roberto Arruda, apresentar sua defesa.*⁹

Deste enunciado, destacamos inicialmente: “a estratégia infalível de deixar o tempo mitigar os efeitos iniciais do escândalo”. O jornal defende que embora o julgamento dos escândalos ainda não tenha acontecido, a distância entre os escândalos e as punições faz com que os envolvidos não sejam punidos corretamente, além de representar a proteção por eles recebida pelo partido que deveria punir os candidatos imediatamente. Dessa forma, o jornal produz sentidos para esta estratégia e direciona esta produção não apenas à caracterização do mensalão do DEM, mas também, e ao mesmo tempo, à caracterização do mensalão do PT e, mais importante, une ainda mais o vínculo criado pelo jornal entre os dois mensalões que são, ao longo da cobertura, descritos como um único acontecimento político.

Destacamos, também em (6), o seguinte recorte: “A corrupção política padronizada em mensalões de ideologias diversas unificou também a forma como todos os acusados reagem”. Em “ideologias diversas” podemos perceber um ponto de deriva a partir do qual traremos a tona duas das interpretações possíveis. De um lado, um sujeito interpelado pela ideologia que se materializa ao longo do jornal e que centra a produção de sentidos no destaque às semelhanças entre os dois mensalões que estamos analisando interprete em “ideologias diversas” apenas as ideologias do DEM e do PT. De outr.: em “ideologias diversas” o sujeito pode interpretar a corrupção em geral, que em outros momentos aparece no jornal como parte constituinte da política nacional (ver exemplo em 7), ou ainda essa mesma corrupção em geral que se materializa em outros pontos do jornal por meio da referência a outros mensalões que não os do PT e o do DEM (ver exemplo em 8). O mesmo efeito se repete em “caso paradigmático”, pois se o mensalão do DEM é o caso paradigmático há outros que seguem o mesmo padrão, e esses outros podem ser, de um lado, todos os partidos ou todos os partidos corruptos, e de outro, apenas o PT.

*(7) É, portanto, o primado da corrupção em lugar da política, da função parlamentar e do compromisso eleitoral.*¹⁰

*(8) Hoje, ‘mensalão’ como discurso é um jogo zerado. PT, PSDB, DEM e tantos outros já têm o seu. Anulam-se.*¹¹

⁹ RODRIGUES, Fernando. Quando o direito é um abuso. *Folha de São Paulo*, 07 dez. de 2009. Brasil, p. A2.

¹⁰ FREITAS, Janio de. ALIADOS DA CORRUPÇÃO. *Folha de São Paulo*, 29 nov. de 2009. Brasil, p. A2.

¹¹ RODRIGUES, Fernando. Por enquanto, polarizou. *Folha de São Paulo*, 21 dez. de 2009. Brasil, p. A2.

Nas sequências (7) e (8) podemos perceber a produção de efeitos de sentidos que, para além dos dois escândalos em tela, produz sentidos para a situação política nacional como um todo. A corrupção é significada em (7) como um “*primado*”, como a característica básica da política brasileira, cristalizando assim o efeito de sentido da corrupção generalizada no país. Esse mesmo efeito de sentido é cristalizado em (8) pela metáfora construída a partir do campo esportivo, na qual um empate (1x1, 2x2...) equivale ao zero a zero. Dessa forma, o efeito de sentido produzido aqui é o de que a causa da corrupção encontra-se na impunidade, uma vez que todos os partidos possuem em suas histórias casos de corrupção de tal forma que, ao passo que um não pode mais criticar o outro, os crimes não são mais trazidos à tona e não são mais punidos, ou seja, o jogo está zerado.

6 Considerações finais

A reflexão em torno do deslize enquanto funcionamento discursivo nos permitiu um avanço significativo na compreensão do papel da memória na produção de sentidos no jornal *Folha de S. Paulo* a partir de nosso recorte analítico. Pudemos perceber que na construção dos sentidos que caracterizam o mensalão do DEM, a memória do mensalão do PT foi constante, e que o processo de construção de sentidos não apenas construiu um imaginário para o acontecimento político como fez moverem-se as redes de sentido de forma que o significado de mensalão e de uma constelação de sentidos que cercam esse termo passam a funcionar por meio de uma filiação a pelo menos dois escândalos: o mensalão do PT e o mensalão do DEM.

Trouxemos para nossa análise a construção de dois efeitos de sentidos que agrupamos didaticamente sob os títulos hipocrisia e impunidade. Por meio das sequências discursivas agrupadas para esses sentidos pudemos mostrar como, em ambos, a memória do mensalão atua na construção de interpretações que só são possíveis por meio dos funcionamentos da memória descritos neste trabalho.

Mostramos, inicialmente, como a memória do mensalão do PT, enquanto a memória do outro, atua direcionando o deslize tornando possível determinadas filiações a redes de sentidos. Discutimos o processo por meio do qual, quando esse outro está presente no momento da interpretação, o sujeito é levado a filiar os sentidos de um modo, e não de outro, construindo para o mensalão do DEM sentidos que não seriam possíveis sem a presença do mensalão do PT e levando o sujeito a produzir uma e não outra interpretação dentre as possíveis.

Em seguida apresentamos o processo a partir do qual as filiações de sentido se reconfiguram em direção a descaracterizar o mensalão do PT como outro e fazer dele um mesmo para o mensalão do DEM. Em torno dos sentidos eleitos para análise, demonstramos como as redes de sentido se reconfiguram de forma que o deslize se faça a partir de um mesmo lugar discursivo, ou seja, como a cobertura do jornal produz sentidos para os dois escândalos como se fossem um único.

Referências

MARIANI, B. **O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)**. Rio de Janeiro: Revan, 1998.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2001. _____ . **Terra à vista – Discurso do confronto: velho e novo mundo**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In.: ACHARD, P. et al. **Papel da Memória**. Tradução e introdução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes Editores, 2007. p. 49-57.

_____. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução de Eni P. Orlandi. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2008.

_____. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni P. Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

Data de recebimento: 30 de abril de 2012.

Data de aceite: 13 de julho de 2012.